

# 1 Introdução

## 1.1 Questões e Objetivos Gerais

Este trabalho tem por finalidade analisar a dimensão educativa do Teatro Experimental do Negro, entidade do Movimento Negro fundada em 1944 por Abdias do Nascimento, cujo objetivo principal era combater o racismo, através do trabalho cênico e da valorização de uma cultura ancestral do negro. Esta entidade teve o seu apogeu entre 1944 e 1950, sendo oficialmente extinta em 1968.

O ‘projeto pedagógico’ do Teatro estava pautado na construção e no reconhecimento de uma identidade negra, tendo como veículo norteador as atividades teatrais, as aulas de alfabetização e de iniciação cultural, assim como os concursos de estética e a realização do Iº Congresso do Negro Brasileiro (1950).

As questões norteadoras que permeiam esta discussão são: (1) qual o trabalho educativo desenvolvido pelo TEN desde 1944 até 1950? (2) Como o negro era representado neste trabalho educativo? (3) Como estas representações contribuíam para a constituição de identidades negras? Para tanto, optamos por: (1) traçar a trajetória desta entidade, de 1944 a 1950, e mapear as principais atividades pedagógicas desenvolvidas, preconizando a questão educativa das mesmas; (2) discutir a dificuldade do TEN, considerando o contexto dos anos 1940, de impor uma questão racial; (3) apontar a possível relação do trabalho educativo do TEN e a construção e/ou reconstrução de identidades negras.

Em um contexto histórico marcado pelo fim do Estado Novo e pela euforia democrática dos anos 1940, o TEN encontra espaço na sociedade para discutir as implicações raciais e políticas do embranquecimento. Cabe ressaltar que este ideário do embranquecimento ganha contornos cada vez mais nítidos ainda nas últimas décadas do século XIX devido ao impacto das teorias raciais européias no Brasil. Mais que isso, a ideologia de branqueamento tende a se aguçar com o fim do sistema escravista (1888) e com a proclamação da República (1889), onde uma nova questão tornava-se crucial para a elite intelectual brasileira: a construção de uma nação e de uma identidade nacional (Kabengele Munanga, 2004; Lilia Schwartz, 1993)

A pluralidade cultural nascida no seio deste período colonial, com a presença de negros, índios e brancos, tornou-se um obstáculo para a construção de uma nação que se pensava branca. Na perspectiva de Kabengele Munanga:

“O que estava em jogo, nesse debate intelectual nacional, era fundamentalmente a questão de saber como transformar essa pluralidade de raças e mesclas, de culturas e valores civilizatórios tão diferentes, de identidades tão diversas, numa única coletividade de cidadãos, numa só nação e num só povo”. (2004: 55)

No entanto, esta diversidade cultural brasileira, já no início dos anos 1920 e 1930, tornou-se o elemento positivo na construção de uma identidade nacional, baseada na mistura das três raças: brancos, negros e índios. A partir desta mistura, nasceria um povo tipicamente brasileiro, ou seja, tipicamente mestiço.

Na perspectiva de Roberto Da Matta (1993):

“Enquanto a leitura americana condenava a ‘mistura de raças’, optando por uma solução radical, contida na divisão entre brancos e negros, aqui no Brasil a preocupação e a conseqüente teorização foi realizada em cima do ‘mestiço’ e o do mulato, ou seja: nos espaços intermediários e interstícios do que percebíamos como sendo o nosso sistema racial”. (p.79)

No Brasil das primeiras décadas do século XX, a mestiçagem era estimulada e encorajada por intermédio de políticas públicas, pois a mistura racial causaria a degeneração dos “não brancos”<sup>1</sup> (, ou seja, o desaparecimento de negros e índios. Tal mistura não prejudicaria os tipos brancos, já que sua superioridade estava marcada tanto no fenótipo (sobretudo na cor da pele), como na posição social. Foi uma época de fortalecimento da ideologia do embranquecimento, que – conforme mencionado acima - ascendeu no pensamento brasileiro com o fim do sistema escravista e com a necessidade de criar uma identidade nacional para o Brasil. Como transformar negros e índios em elementos constitutivos da nacionalidade brasileira? Esta tornou-se uma questão presente ao se pensar o futuro político, social e econômico de uma pretensa nação recém saída da escravidão,. Neste contexto, tal idéia, alimentou teorias racistas da época, que defendiam a premissa de que a homogeneização da sociedade brasileira permitiria a predominância cultural e biológica dos brancos.

---

<sup>1</sup> A própria classificação “não brancos” é embasada por uma concepção racial etnocêntrica, na qual o branco é considerado norma e tudo aquilo que destoa dessa norma é enquadrada no grupo negativo, no antipadrão.

O triângulo racial brasileiro, representado por Roberto Da Matta (1993), vai posicionar o branco no seu topo, tendo negros e índios na sua base. Este esquema, interligando as ‘raças’, vai permitir gradações e interações, as quais constituirão um sistema múltiplo de classificação racial. Entretanto, estes muitos cruzamentos, os quais caracterizam a miscigenação, não ameaçaram a supremacia do branco.

De acordo com Kabengele Munanga (2004):

“Mas, desse processo de mestiçagem, do qual resultará a dissolução da diversidade racial e cultural e a homogeneização da sociedade brasileira, dar – se – ia a predominância biológica e cultural branca e o desaparecimento dos não brancos”. (p. 55/56)

Esta mistura contribuiria para a degeneração dos negros e índios e para a predominância da raça branca. Os pensadores brasileiros, embasados pelo determinismo biológico do século XIX, acreditavam na inferioridade das raças “não brancas”, sobretudo a negra, e na degenerescência do mestiço (Kabengele Munanga, 2004, Lilia Schwartz, 1993).

No século XX, sobretudo nos anos 1920 e 1930, a mestiçagem estava no centro das discussões e a pluralidade cultural – antes rechaçada como empecilho para alcançar a civilização – é celebrada como algo positivo, uma forma de caracterizar a identidade nacional brasileira: uma identidade mestiça. Conforme observou Lilia Schwartz tratava-se do “original de cópias”, ou seja, a necessidade de adequar a realidade de um Brasil mestiço aos ideários eugênicos das teorias raciais européias. Assim, o que se percebe é o grande esforço das elites em transformar a mestiçagem – condenada pelo Darwinismo Social – em um modelo absolutamente singular e desejável. De acordo com essa readequação à moda brasileira das teorias raciais, seria justamente através do encontro das três raças que o Brasil conseguiria se transformar na tão sonhada Europa dos trópicos. Para Lilia:

“As teorias raciais são adotadas de forma seletiva e parcial: se ajudam a explicar a seleção natural e o desaparecimento dos mais fracos, são, porém, descartadas quando se trata de pensar na “perfectibilidade” dos “bons mestiços”, ou na homogeneização das raças, conclusões incompatíveis com o modelo poligenista.” (SCHWARTZ, 1993)

Neste contexto de valorização de uma identidade mestiça, como sendo tipicamente brasileira, o TEN surge defendendo a construção de uma identidade negra e não mestiça. No entanto, o próprio TEN com todo o seu discurso pautado na negritude, se mostrou, em alguns momentos, contaminado pelo mito da democracia racial, como veremos mais adiante.

Na busca pela elevação cultural e econômica dos negros brasileiros, o TEN encontrou na dramaturgia um veículo educativo, no qual os atores manifestariam todos os seus dramas e aflições, a partir das personagens. Como não possuía uma sede própria, o TEN vivia de doações de espaços para poder implementar seus projetos teatrais e educativos. A UNE, durante um tempo, cedia o seu restaurante, no período noturno, para ensaios e aulas de alfabetização. Estas aulas de alfabetização eram proferidas por dois professores voluntários, membros do teatro: Aguinaldo Camargo e Ironides Rodrigues.

Tendo em vista que as aulas de interpretação foram mescladas com as aulas de alfabetização e iniciação cultural, apresentamos como hipótese inicial que o impacto da proposta pedagógica do TEN teve uma repercussão maior para a entidade como um todo, não se restringindo ao trabalho cênico, e influenciou as atividades promovidas pela mesma, posteriormente.

## **1.2 Metodologia de Trabalho**

Tendo optado por uma metodologia de trabalho qualitativa, desenvolvemos uma análise documental no Instituto de Pesquisas e Estudos afro-brasileiros (IPEAFRO<sup>2</sup>). Esta instituição, fundada na década de 1980 por Abdias do Nascimento e Elisa Larkin Nascimento, tem por finalidade compilar toda a obra de Abdias e sua trajetória militante e política, ao longo do século XX.

A pesquisa desenvolveu-se no período de abril a agosto de 2005, mas o contato inicial que tivemos com o IPEAFRO foi anterior a este período. Realizamos um levantamento da obra de Abdias do Nascimento para a exposição que homenageou o autor, a partir de setembro de 2004. Para esta pesquisa,

---

<sup>2</sup> O IPEAFRO, no período de 15 de novembro de 2004 a 01 de maio de 2005, realizou em parceria com a PUC-Rio, uma Exposição, no Arquivo Nacional – RJ, em homenagem a militância de Abdias do Nascimento. A exposição intitulava-se “Abdias do Nascimento – 90 anos Memória Viva”.

procuramos materiais na Fundação Biblioteca Nacional (FBN) e na Fundação Nacional da Arte (FUNARTE) esta por compilar todo um acervo das artes cênicas no Brasil. Encontramos pouco material a respeito do Teatro Experimental do Negro e o próprio IPEAFRO tornou-se o *locus* da pesquisa, por reunir um grande acervo de Abdias, tanto de textos impressos, como de fotografias, de obras de arte do próprio autor, de pôsteres, dentre outros documentos.

Pouco antes de findar a exposição, começamos a pesquisa com o objetivo de analisar a dimensão educativa do Teatro Experimental do Negro. No IPEAFRO, tivemos acesso a jornais da imprensa carioca, produzidos nas décadas de 1940 e 1950, preocupados em retratar as repercussões do TEN para a sociedade brasileira da época. São eles: *Diário Carioca* (RJ), *A Manhã*, *Diário Trabalhista*, *Diário de Notícias*, *O Mundo* e a *Folha do Rio*.

Outro veículo utilizado na pesquisa foi o jornal ‘*Quilombo*: vida, problemas e aspirações do negro’. Publicação mensal do Teatro Experimental do Negro, que circulou entre os idos de 1948 a 1950, o jornal *Quilombo* constituiu um importante elo de comunicação entre militantes, intelectuais e a sociedade como um todo.

Ao contrário do que pode se supor, o Ten, assim como seu veículo de comunicação (*Quilombo*) não viviam à margem da sociedade. Suas páginas traziam textos originais assinados por renomados interlocutores do mundo artístico e intelectual. Dentre eles: Gilberto Freyre, Nelson Rodrigues, Arthur Ramos, Guerreiro Ramos e Maria do Nascimento. Esta última possuía uma coluna fixa no jornal intitulada *Fala a mulher*. Na sua coluna, a assistente social responsável pela fundação, em 1950, do Conselho Nacional de Mulheres Negras, defendia a regulamentação do trabalho doméstico e denunciava atitudes racistas presentes na sociedade brasileira. Nas palavras de Ruth de Souza, dama negra; personagem viva dessa e de tantas outras histórias de luta:

*O Teatro Negro teve uma repercussão muito grande, foi o que chamo um espanto, porque esses negros estavam fazendo Eugene O' Neill, estavam fazendo Shakespeare. Nós não tínhamos dinheiro, o Teatro do Negro não tinha dinheiro pra montagem, como sempre, até hoje, o teatro fica correndo atrás de patrocinadores. Então eu disse, porque não escreve para O' Neill solicitando os direitos autorais da peça. Então os jornais publicaram, imagina o genro do Charles Chaplin, ele (O' Neill) estava casado com a filha do Charles Chaplin cedendo os direitos autorais pros negros. Pascoal Carlos Magno foi uma pessoa que deu força o tempo inteiro, quando não tinha dinheiro para montagem do Imperador Jones. Eu fui a todas as embaixadas que existiam no Rio de Janeiro, vendendo ingresso em nome do Pascoal. Pascoal me deu uma lista, para trazer dinheiro para montagem do Imperador Jones. Então eu trabalhava muito, eu era um boy também que ia distribuir divulgação nos jornais de amigos Carlos Lacerda, Samuel Weiner e sempre via o Doutor Roberto Marinho, nunca sabia que mais tarde ele ia ser o maior patrão do mundo para mim, que eu considero (risos). Então toda essa gente eu fui conhecendo e todo mundo tinha um carinho muito grande, aí que eu digo que talvez a minha postura ajudou muito minha carreira, porque Pascoal Carlos Magno arranhou uma bolsa de estudos nos Estados Unidos. Ofereceram uma bolsa de estudos para o Teatro do Estudante, estava Sérgio Brito, Sérgio Cardoso, Natália Timberg toda aquela gama de gente, de estudantada. Daí deslanchou minha carreira. Dentro destes cinco anos que fiquei no Teatro Experimental do Negro, fizemos uma peça por ano e logo depois saí do teatro. (Pausa) Saí do Teatro Experimental do Negro, quando começou uma ligação do TE junto com “Os Comediantes” que iam montar Terras do Sem Fim de Jorge Amado, então a primeira vez que um grupo de negros misturados no elenco dos comediantes e Jorge Amado lá todo dia com a gente e tal. Ele que eu chamo meu primeiro padrinho cinematográfico, porque quando ele vendeu os direitos para a Atlântida, ele indicou meu nome para fazer o mesmo personagem que eu fiz no teatro. Falei demais, não sei...*

07 de setembro de 2005.

Para complementação da análise documental, desenvolvemos duas entrevistas com membros importantes do TEN: Abdias do Nascimento e Ruth de Souza. Ambos são figuras representativas do Teatro Experimental do Negro. Abdias do Nascimento pela sua liderança e pelo discurso de negritude no contexto de democracia racial e Ruth de Souza, por lutar pela questão das empregadas domésticas e pelo espaço da comunidade negra no teatro brasileiro, apesar da permanência passageira no Teatro.

### 1.3

#### Apresentação dos Capítulos

No primeiro capítulo, apresentamos uma breve trajetória da vida e da obra de Abdias do Nascimento, fundador do Teatro Experimental do Negro. Sua infância em Franca, no interior de São Paulo, junto à família despertou sua consciência para situação do negro na sociedade brasileira. Mais tarde, quando exilado nos Estados Unidos por conta de perseguições políticas, o despertar para as artes plásticas e a carreira acadêmica se intensificaram, culminando com sua entrada para a vida política no retorno ao Brasil nos anos 1980. Sua história de vida é marcada por um processo de luta contra a discriminação racial.

No segundo capítulo, descrevemos o Teatro Experimental do Negro, as principais motivações de suas lideranças para a fundação da entidade e apresentamos as categorias de análise utilizadas neste trabalho, tais como: ‘projeto pedagógico’, ‘construção de identidade’, ‘raça’, ‘cor’, ‘preconceito e discriminação’. Pretendemos, a partir de um diálogo com Kabengele Munanga (2004), Stuart Hall (2003, 2004), Manuel Castells (1999) e Antonio Sérgio Guimarães (2002) apresentar as definições conceituais das categorias suscitadas.

No terceiro capítulo, apresentamos os dados levantados no decorrer da pesquisa, desenvolvendo uma análise estrutural e histórica do período de fundação do Teatro Experimental do Negro, período este de grande efervescência e redemocratização da sociedade brasileira e no qual o referido teatro vivenciou seu apogeu (1944 e 1950).

A construção de um projeto nacionalista, nos idos de 1940 e 1950, com base em elementos culturais autóctones, permitiu que uma identidade fosse pensada para o Brasil. Este projeto de nação congregou elementos africanos, indígenas e europeus para a criação de uma identidade nacional, ou seja, uma identidade mestiça. O ‘mestiço’, antes visto de forma negativa, nos anos 1920 e 1930 torna-se grande símbolo de brasilidade. Com a publicação da obra *Casa Grande & Senzala* (1933), pelo antropólogo pernambucano Gilberto Freyre, este termo consagrou-se no imaginário da sociedade brasileira.

No quarto capítulo, analisamos o projeto pedagógico do TEN, preconizando as atividades que tiveram maior durabilidade e cunho educativo. Além das aulas de interpretação, alfabetização e iniciação cultural, o TEN promovia concursos de

beleza e seminários, com a finalidade de tornar visível a discussão de combate ao racismo. A partir da década de 1950, apesar de muitos esforços por parte das lideranças do Teatro Experimental do Negro, as atividades já não eram tão constantes devido à falta de patrocínio e de um espaço físico próprio para continuidade dos projetos.

Em um contexto de ditadura militar, marcado pelo cerceamento cada vez maior das liberdades políticas dos cidadãos, Abdias viaja para os Estados Unidos (pouco antes da promulgação do Ato Institucional nº5), devido a perseguições políticas que vinha sofrendo no país. Já no exílio, ele descobre uma nova linguagem e uma nova forma de se expressar, tendo uma vida atuante nas artes plásticas. Nos Estados Unidos, recebeu vários convites de academias para lecionar, além de ter realizado muitas exposições em galerias de arte de Nova York.

Ao retornar para o Brasil, nos anos 1980, o ativista negro funda o Instituto de Pesquisas e Estudos Afro – Brasileiros (IPEAFRO) com objetivo de resgatar a memória e cultura dos povos africanos retirados de suas terras para o Brasil. Atualmente, o IPEAFRO compila toda a sua produção, composta por jornais, vídeos, fotografias, obras de arte, etc. Este acervo pôde ser apreciado durante a exposição Abdias do Nascimento 90 anos Memória Viva, realizada entre 15 de novembro de 2004 a 01 de maio de 2005 no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Esta exposição tem percorrido outras regiões brasileiras como Brasília e Salvador e cumpre com os objetivos propostos pela Lei 10.639 de 09 de janeiro de 2003, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação e determina a inclusão “no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” e dá outras providências”.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Lei N° 10.639. Brasília, 9 de janeiro de 2003.